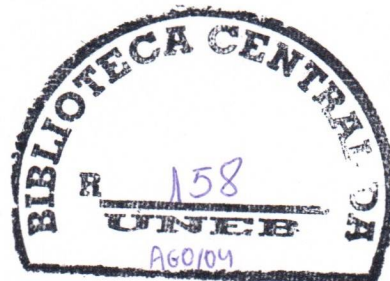


100

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
ORIENTADORA: ZILDA DE OLIVEIRA FREITAS
ALUNA: ALEX SANDRA PEREIRA SILVA

**AS MULHERES E AS DEUSAS NA OBRA
DE MÁRIO DONATO: *PRESENÇA DE
ANITA.***



JACOBINA, DEZEMBRO DE 2002.

UNEB - DEP. IV - JAC

**“A determinação da minha existência interior,
no Tempo, só é possível pela vivência em
coisas reais que percebo fora de mim, no Espaço.”**

Kant

**Dedico este meu trabalho a maior deusa da minha vida .
um pouco Atenas, Afrodite, Hera e Deméter e o muito
de Mulher. A você, mãe , meu muito obrigada ! Pela vida
e pelo poder de ensinar-me a beleza do universo feminino.
A Paula, por ouvir com paciência e muito ter me encorajado
para a continuidade desta pesquisa. Muito obrigada pela
força, amiga!**

ÍNDICE

Apresentação	03
Introdução	04
Fundamentação Teórica	06
I. A Deusa na Alma Feminina	11
II. Uma Releitura da Obra – Presença de Anita – de Mário Donato	14
III. A Presença na Ausência de Anita	22
IV. Anita: Imagem de Mulher e Mito	25
Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas	30

Apresentação

Este trabalho monográfico é parte integrante exigido pelo curso de Especialização em Estudos Literários, da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV como atividade avaliativa dos conhecimentos de uma determinada área literária estudada.

A literatura feminina é atualmente vista nos mais variados paradigmas. Porém, o prisma que desejo destacar será a feminilidade presente nas deusas e incorporadas nas mulheres que permeiam a obra de Mário Donato, *Presença de Anita*.

Espero, que o reconhecimento das deusas gregas mitológicas nas mulheres venha a ser de significativa importância no que diz respeito à compreensão da áurea feminina, que venha expressar a idealização e a real forma de cada deusa ao manifestar-se na mulher. A mulher virá a ser demonstrada como reflexo dos atos e formas Afrodite, Atenas, Deméter e demais outras deusas que circularam o Olimpo e viveram seus amores, desgostos e prazeres ao lado dos deuses imortais e semideuses mortais.

Introdução

De uma certa maneira a alma feminina oscila sempre em infindáveis manifestações sentimentais e ações corporais que nos faz reconhecer a sutileza de uma deusa mitológica. As deusas gregas despertavam as diversas facetas de se ver a mulher. Seja ela a guerreira, vulnerável, esposa, cruel, racional, sensual e amante.

Diante disso, descobre-se que a mulher na nossa sociedade – hoje – traz consigo, na sua feminilidade uma nova psicologia. A psiquê feminina agora passa a ser vista como reflexo das ações e sentimentos das deusas.

Essa efervescência dos estudos comparativos entre o interior feminino e as deusas mitológicas nos leva a fazer leitura profunda que enfatiza não apenas um lado da personalidade feminina mas sim, mescla em sua persona as variadas deusas que emergem na mulher.

Atualmente, a mulher é um pouco da misteriosa Perséfone e na sua introspecção e de maneira sonhadora de ser, encanta e deixa a curiosidade fluir perante aquelas pessoas que a cerca. A Deméter na sua hábil maternidade, acolhe no seu colo a mulher generosa e receptiva. Na Atenas está a mulher guerreira, objetiva e ágil em pensar e agir sempre mirando seus objetivos de modo certo, nos dias atuais pode-se encontrá-la nas mulheres que sabem resolver seus problemas sociais, econômicos e financeiros com classe, determinação e inteligência. É a mulher racional. Ártemis segue ao lado de Atenas, e a ela aparece a habilidade ao executar seus projetos, está é a mulher independente que muitas vezes apaixona e tantas outras assusta o meio social em que vive. A Afrodite conclui-se que é a mulher sensual que desperta o desejo, as paixões. Aquela que envolve e enlouquece os homens com sua sensualidade e erotismo.

Como se percebe, não conseguiremos encontrar na mulher dos nossos dias uma única deusa. A mulher hoje, luta, pensa, ama. Ela é dona de casa, funcionária, mãe e amante. Assim o nosso novo século faz da mulher essa miscigenação de deusas numa única mulher. Finalmente, pode-se

observar que a psique feminina é um caso heterogeneizado das deusas mitológicas. A maneira de ser da mulher é e será sempre instigante a reveladora no que se refere a áurea feminina.

Fundamentação Teórica

Existem obras que permeiam décadas e décadas e a cada olhar transforma-se em uma nova obra literária. Desta maneira é *Presença de Anita*, a obra de Mário Donato, que anteriormente fora inspirado pela obra russa *Lolita*. Quando textos porém dialogam entre si, convém salientar o que fica e o perde de um ou outro texto, como não faço deste trabalho monográfico uma comparativo entre ambas obras deixo para uma outra oportunidade de estudo mais aprofundado sobre as duas obras citadas, no momento a preocupação literária fica proposto a obra de Mário Donato e sua leitura comparativa com as mulheres e as deusas gregas.

Presença de Anita, obra de Mário Donato, abalou uma sociedade da época, a ousadia com que ele desnuda não apenas o corpo feminino e masculino num texto literário, mas também como ele desmascara a alma de ambos, seus anseio e desejos secretos. Nesta obra. O homem agora é o centro da nudez, de desmascaramento perante as várias mulheres que giram em torno do seu universo. Elas colocarão cada vestimenta do seu eu, de sua subjetividade e questionamento. É a Anita fiel, a Lúcia fria, a Diana amante e a Cíntia vitoriosa que irão desconstruir a imagem do poder masculino perante a sociedade.

“Em contrapartida, o reconhecimento paulatino do corpo feminino , com o desnudamento progressivo das peças íntimas possibilita promessas da ordem do indizível, pois promove produções imaginárias inéditas da fantasia do processo...”¹

A Anita eludibria o homem pela sua própria essência de ser mulher o sexo passa a ser a personificação da mulher que procura realizar-se sexualmente tão quanto os homens, já que está se falando de uma obra lançado em plena segunda guerra mundial se falava de homens com importância primordial na sociedade e da mulher como suporte apenas como mãe e esposa dos

¹ BIRMAN, Joel. 1999.p 63

seus maridos, sem o direito de desejar e sentir-se desejada. Esta obra portanto, vem arrebatando a idéia do prazer da mulher em ser amada em ser amante.

*“Nessa noite bateu-lhe, e Anita ria, segura do seu domínio sobre a sensualidade dele e sabendo-o irremediavelmente fixado naquela cena que o excitaria dali por diante até a exasperação – a que só ela, só ela podia por termo.”*²

O olhar para a obra de Mario Donato encontra seu ápice exatamente neste ponto estratégico na visão da mulher que vive nas primeiras décadas do século XX no entanto, tem o desdobramento e os mistérios no seu desnudar-se de mulher da pós-modernidade. Afinal, as mulheres da sua obra não se definiam na imagem do homem (protagonista da obra) como esta ou aquela, diga,mos que vinha sempre a ser o intermédio, é o ser e estar ao mesmo tempo. É no espelhamento que ela procura colocar-se num centro de tensão entre si e os outros. É deste modo que ela torna-se a vitoriosa, a desejada. Ela é a dona dos seus próprios anseios, desejos e sexualidade. Assim a Anita (Cíntia idealizada) veste-se e despe-se.

*“Conscientemente, agora deixava que Cíntia inteira se deslocasse das entranhas da sua mente e se integrasse nela, sob as suas roupas e com o seu nome sombrio, e o seu sonho, afinal carne estuante, se materializasse na mulher que tinha entre as mãos...” “... a Cíntia Vitoriosa...”*³

O poder de articulação da mulher é presença constante, afinal a Anita problematiza a identidade feminina, seu papel e sua busca de aceitação num meio social machista. Tanto a Anita, quanto a Diana e conseqüentemente a Cíntia, articula seu próprio modo de viver sem receio e com o conhecimento que, tanto homens quanto mulheres são donos dos seus destinos individuais, desmascarando assim, domínios exclusivos de um único sexo.

² DONATO, Mário. 2001.p 56

“O que une os seres humanos entre si, é que todos independentemente dos seus níveis de renda, educação ou país onde vivem, são lançados num mundo de mercados e de técnicas que ultrapassa o seu meio de origem, seus valores (...) e no qual cada um corre o risco de ser reduzido a viver acontecimentos fragmentados.”⁴

No que diz respeito a obra de Mário Donato, é exatamente no fascínio do homem ao ficcionar uma mulher, idealiza-la (a Cíntia) e começar a procura-la em todas as outras mulher que circulam seu ambiente que surge na fidelidade, meninice e despudor a Anita, onde ele desfragmenta uma parte dessa mulher desejada e tem-se neste momento a Anita fiel. Na Lúcia, sua esposa, ele não enxerga mais do que o comportamento social imposto pela época, a mulher dona de casa, mãe, esposa e isso a faz ver como a Lúcia fria, que a nada abala-se a não ser algo relacionado ao seu bem estar familiar, ela é incapaz de dar seu grito ou até mesmo “cuspir no rosto” da sociedade que lhe moldou tal padrão de comportamento.

“A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, está é a sua vocação e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira.”⁵

Convêm salientar, que o esposo não encontra satisfação alguma na reação conformativa da esposa e por consequência disso, ele por vezes depara-se em interrogações sobre sua própria sanidade mental, ou seja, ele conseguia enxergar a mulher pós-moderna dos nossos dias, seu pensamento futurista lavava-o além dos padrões daquela época, e isto o incomodava. Afinal, ele poderia e deveria aceitar a passividade da mulher e saciar-se dos seus direitos como homem (na

³ Op.Cit.p.247

⁴ TOURAINE, Alain. 1998. p. 69

⁵ PERROT, Michelle. 1998. p. 09

sociedade machista e patriarcal que vive) e não revoltar-se contra tudo aquilo que vinha de encontro a sua educação transmitida e padrões estabelecidos.

Na Diana surgiu a mulher de poder demoníaco, mulher Lilith que desmascara, incorpora o desejo e deixa fluir seus anseios mais misteriosos e íntimos, não se preocupa com paradigmas sociais impostos, mas sim com sua própria realização pessoal e sexual. É esta mulher que interiormente encantava o homem da obra de Donato. Ele corporifica seu modo totalizante de ver a mulher nesta imagem de Diana.

No romance, compreende-se também, como o protagonista da história sente-se atraído pela fragilidade e ao mesmo tempo sensualidade na imagem da menina Anita. Ela, por sua vez articula e tem o poder de dominar o homem e ter em seus braços embriagado de prazer até mesmo petrificados por sua beleza de menina/ mulher (o poder da Medusa sobre o homem) Anita e Cíntia são desejos de sedução. Porém, Lúcia é a representação da tranquilidade, extremos inversos. Assim o homem vive no entre-lugar, ou seja, é a determinação e indeterminação do seu eu como homem num país machista. É exatamente neste ponto de perlaboração do eu feminino que as personagens são confrontadas com seu poder de determinação e de subjetividade entre as duas faces de Anita menina-mulher e Cíntia criação idealizadora da mulher pelo homem.

Assim, considero um dialogismo perfeito entre as personagens femininas e as deusas mitológicas no que diz respeito a imagem feminina pós-moderna, já que uma é a retomada da outra para que ambas compreendam o universo feminino, não limitando-se as imposições de dominação do poder do homem.

“(...) toda mulher possui uma ou duas deusas dominantes na sua constituição. É improvável que chegue a trocar inteiramente de deusa num ponto de transição da sua vida; pelo contrário, toda nova face a deixa aberta para novas energias e novas perspectivas(...)”⁶

Afinal, como diz Simone de Beauviour: “Não se nasce mulher, torna-se.”⁷ E esse tornar-se só se consegue quando a mulher Lúcia, Cíntia, Diana e Anita desvela seu universo, descobre as

⁶ WOOLGER, Jennifer Barker & Roger. 1998. p. 261

deusas que regem sua feminilidade e conquistam sua identidade e sua autenticidade do querer saber. Do ir e vir sabedora da sua arte e luta de vida feminina.

I.A Deusa na Alma Feminina

A respeito da mulher, poderia afirmar que sua personalidade está sujeita as diversas facetas das deusas mitológicas. Não se nega a isto, a gama de informações psíquicas e sociais que circula a vida da mulheres no seu dia-a-dia.

Ema cada alma feminina vê-se a Deméter, dona de casa, a mãe estritamente família. A Afrodite, amor, sedução, sensualidade, com a capacidade de amar e ser amada. A Atenas com sua sabedoria e elevamento intelectual conseguindo lutar por seus ideais e conquistá-lo de maneira batalhadora e vitoriosa. O misticismo e o lado meio fada meio bruxa, que vê-se na alma Perséfone. O lado consciente de Hera com seu poder de força perante a sociedade do cooperativismo e companheirismo (num matrimônio) e de liderança num grupo. A Ártemis que ao contrário de sua irmã Atenas não se destaca na agitação e busca intelectual, porém na sua fragilidade e delicadeza possui a capacidade de abstrair do mundo mais rude mais simples a energia para sua vida tranqüila e muitas vezes solitária.

Na complexidade deste eu feminino observa-se que não existe uma homogeneidade de sentimentos ou manifestações únicas de feminilidade em uma mulher, mas sim uma maneira heterogênea de sentir, falar e agir na mulher. Ela define-se não apenas como uma única imagem feminina mitológica, porém ela é a representação maior dessas deusas em seu interior. Convém salientar, no entanto que em cada mulher têm-se várias deusas infiltradas, não se vê uma única deusa manifestando-se mais preciso ou mais vivaz na mulher. Mas sim, há uma pitada de cada uma formando desta maneira, a heterogeneidade da alma feminina.

A Atenas sempre foi a imagem intelectual da mulher, aquela nascida da cabeça de Zeus, não poderia deixar de vir a ser a sabedoria, em suma, Atenas consegue captar através de sua intelectualidade o que deseja, manobrar todas as suas vontades e transformá-la no seu alvo de conquista. A independência de Atenas muitas e muitas vezes surgiu para perturbar e mergulhar a imagem masculina em confronto e indagações à respeito desta força feminina (já que eles não conseguem reconhecer ou não aceitar, não se sabe ao certo, este poder Atenas na mulher). Existe

⁷ BEAUVIOUR, Simone, 1998. p.168

evidentemente nisto, toda uma situação histórico cultural de convicções machistas. Basicamente a mulher Átenas encontra-se envolvida pelo seu poder discursivo e inteligente ao se tratar de qualquer assunto social, centrando sua eloquência no que está em discussão e elevando seu mais alto teor de intelectualidade naquele momento. É assim que ela fascina e atrai, tal quanto Afrodite só que esta se utiliza-se da sensualidade enquanto a Atenas mexe com o intelecto. E é nele que ela torna-se envolvente e sensual.

A Afrodite é a sensualidade e a beleza a flor da pele que inspira e desperta em cada mulher esta deusa. Compreende-se que na Afrodite o corpo é valor de muito esplendor, suas vestes, seu rosto, seu perfume, tudo neste momento é indicador desta deusa. A mulher poder sensual que desperta os desejos ocultos, a mulher que fascina com seu modo de andar, de falar e com o perfume sensual que exala nos lugares onde se situa. Está é a Afrodite responsável por seus caprichos e desejos de mulher. A mulher amante que explora o amor de maneira a se satisfazer e satisfazer o outro. É a mulher amada e desejada por todos, é aquela que desperta a ânsia de possuí-la e tê-la nos braços (desejos masculinos como esses são despertados pelos homens que se deparam com essas mulheres) e neste desejo elas conseguem deixar os homens alucinados pelo seu poder de sedução.

A mulher dona de casa, satisfeita de seus afazeres domésticos, a mulher caprichosa e dedicada a seus filhos capaz de lutar como uma leoa pela proteção de sua prole como se defendesse sua própria vida. Aqui, compreende-se que cada mãe tem essa essência de deusa meiga, dócil, terna e absolutamente capaz de amar sem nada exigir em troca.

Já existe outras mulheres que são capazes de controlar tanto seus filhos, quanto um batalhão de pessoas, comunicar-se, fazer valer sua capacidade de poder ao lado de seu esposo. A estas, encontra-se o poder da deusa Hera que no seu potencial de liderança deixa fluir o domínio da luta por seus próprios ideais e acaba deixando com que os demais aceitem sua capacidade de guiar a todos para seus próprios ideais. Através da consciência de liderança fica mais responsável e encerra-se a sociedade exigindo dela mais responsabilidade perante tudo que faz parte do seu domínio.

Ao contrário da mulher Afrodite, que transpõe sensualidade ou da Atenas que exala intelectualidade, a Perséfone não carrega consigo este Dom de atrair pelo corpo ou pela mente.

Ela omite-se a esses dois pontos. Geralmente muito calada, surge uma mulher encoberta por um véu de mistério, olhar de insegurança e medo, ela é a deusa desse mundo meio sobrenatural e misterioso. Não poderia deixar de ressaltar no entanto, que todo este mistério em nossa sociedade contemporânea e de terceiro milênio muito nos atrai. Assim, o lado caótico de maldição que era visto nesta deusa, em épocas anteriores (mulheres bruxas da época medieval) atualmente pode atrair a muitos que, fascinado por realidades se encontra escondidas pelo olhar misterioso das deusas Perséfone.

Já a deusa Ártemis é mais solitária e sofre diante da agitação do mundo moderno. Ela é verificada na mulher que se estressa rapidamente e necessita procurar um recanto, um sossego (passeios de campo, montanhas, riachos, etc) enfim, na natureza ela encontra a paz que vive dentro de si. Ártemis também representa a mulher forte que enfrenta os desafios do campo, das montanhas, a caçadora, a que a nada teme num ambiente rústico próprio do seu eu. É essa visão que nos permite observar na mulher que possui uma Ártemis encravada na sua persona.

E assim, as mulheres se completam e determinam seu potencial de áurea feminina num campo social que foi, e por vezes ainda é influenciado negativamente pelo poder machista da sociedade. Na obra *Presença de Anita*, de Mário Donato compreende-se perfeitamente essas deusas encravadas nas personagens femininas que circula o seu universo literário. É portanto, nestes estereótipos femininos que iremos compreender seu espaço social e psicológico que emerge na obra.

II. Uma Releitura da Obra, Presença de Anita, de Mário Donato.

O surgimento da mulher no inconsciente do homem não deixa de ter raízes nos mitos femininos. E, em especial ao nascimento da deusa do amor, Afrodite, invólucro numa concha e envolvida pelas espumas do mar. O personagem masculino da obra de Mário Donato busca lapidar a pérola feminina e transformá-la em deusa imortal e divinizada tal qual o nascimento da deusa.

“Não precisava desenhá-la para tê-la na mente emergindo dele como Anfitriote do mar, tocada de espuma, escorrendo água, os pés sumidos nas estrias Da concha do seu desejo.”⁸

Neste trecho citado compreende-se que em cada mulher há uma deusa ou mais de uma delas que emerge no psíquico do homem, estas deusas regem a persona humana da mulher e a sua força exterior. A concha é sinal simbólico mais forte da sexualidade da mulher e da sua presença desnuda diante do homem. Na obra, Presença de Anita, é nítida essa comparação de mulher e deusas mitológicas.

Pode-se delinear as personagens femininas sob enfoque mitológico, assim depara-se em Lúcia fria, denominação dada a personagem na obra, a imagem dual das deusas Deméter e Héstia. Quanto a primeira vê-se a mulher criada e educada por uma sociedade patriarcal, onde lhe passaram instruções de ser simplesmente uma mulher apta aos cuidados do lar e a maternidade. Educada para aceitar o marido e fazer do seu casamento sustentáculo para a vida. “Lúcia aceitou sem suspeita as desculpas pela falta da noite anterior. Aliás, estava preocupada com outra coisa: o arranjo da mesa para os convidados”.⁹

⁸ DONATO, Mário. 2001.p.26

⁹ Op.Cit.p.41

Essa ligação demasiada ao lar e aos filhos os torna uma deusa distante das emoções e uma amante da solidão e, nesta introspecção e neste modo recatado de ser, faz nascer em si a deusa Héstita, encarregada de proteger o fogo sagrado que, para seu lado Deméter seria a sua família e seu lar. Assim é Lúcia uma deusa do lar, onde não se importava mais com traições ou afastamento do corpo masculino que vivia ao seu lado, confiava na instituição social que os unira; o casamento.

“o amor das mulheres quase Cíntia que perseguira valia algo para ele porque tinha a certeza da afeição doméstica da esposa. Afinal, era para ela que voltava, cansada o desiludido, depois que as quase-Cíntia se lhe desfaziam em poeira entre as mãos, e na sua individualidade equilibrada e composta reencontrava a calma de que precisava para sobreviver, até que novo transe, nova febre, o fizesse subestimar o remansoso carinho de Lúcia.”¹⁰

Isso, deixava que o homem a visse como a “Lúcia fria”, aquela que se isola do mundo emocional e sexual e se satisfaz simplesmente com o prazer em ser uma mãe nutridora e uma mulher receptiva, essência gerada da sua deusa interior Deméter. “Mas Lúcia era a chama apagada, luz da lâmpada fluorescente, que não queima nem aquece.”¹¹

Temos ainda nesta obra a imagem da deusa Perséfone, esta destaca-se na personagem feminina Augusta, que com seu ar de mistério e receptividade diante de tudo e todos daquela família, fazia com que o Eduardo dispusesse de uma hipotética interrogação por descobrir o modo de ser mulher da sua cunhada Augusta.

“Augusta teria sido assim quando jovem? Era difícil eliminar o seu ar escarninho, rejuvenescer-lhe as formas, afinando-as, aformoseando-as, até extrair daquela concha áspera e gasta uma pérola na sua brancura e inteireza.”¹²

¹⁰ Op.Cit. p.90

¹¹ Op. Cit. P. 25

¹² Op. Cit. P.25

A deusa Pérsefone e a Deméter na obra conseguem juntas solidificarem o lado místico e maternal da mulher no inconsciente do homem.

*“(...) Lúcia e Augusta eram duas torres juntos das quais se abrigavam e que os protegiam sem sombra de dúvida. As suas torres entretanto... Entretanto, as suas torres tombavam tão logo a elas chagava em busca de amparo e proteção, frágeis em sua ilusória segurança, como ele mesmo, na sua solidão.”*¹³

Na Diana, diante da origem do seu próprio nome grego Ártemis nos reflete a virgem e invulnerável caçadora de homens, desta mesma maneira se apresenta a Diana do romance. Tipicamente Ártemis a Diana é cruel, severa e vingativa, sempre pronta a destilar seu veneno perante aquele que lhe desafiar ou que atrapalhar quaisquer que sejam os seus projetos.

“ _ Odeio Lúcia porque não significa nada para você! Porque você corre para ela e não para mim! Odeio! odeio! _ gritou. _ Seria capaz de matá-la com estas mãos. (...) _ Sinto muito, Lúcia _ dizia a moça _ , mas agora seria capaz conquistar seu marido.” ¹⁴

No seu modo independente de ser a Diana intuitivamente elabora seus planos e executa suas idéias lançadas a favor do seu erotismo e fascínio pelo o Eduardo, protagonista do romance, é como a caçadora de homens que ela se presentifica. É como a “outra” que Diana procura colocar-se na vida dele. Emerge neste momento a imagem das amantes de Zeus - “Os amantes se amam mais que os casados. E nós seremos amantes.”¹⁵ – na sutileza e destreza de Diana

“Diana lhe sorria, brejeira e nova, um pouco cruel porque se mantinha à distância e estava senhora de si como ninguém, como nunca. ‘Senhora de

¹³ Op. Cit. P.211

¹⁴ Op. Cit. P. 148/ 193

¹⁵ Op. Cit. P. 165

si, senhora de si.”¹⁶

E, sendo “senhora de si” que domina o macho e a traz para perto numa certa relação de perversidade e desejo, por seu amante. Está é a Diana que mostra-se invencível no seu ato de conquista e ligação erótica

*“Diana apertava a mão de Eduardo e não o abandonava um instante. Já lhe dissera, quando o rumor crescia e os da roda se distraíam: ‘Eu sou sua, Eduardo!’ Várias vezes, mas ele fazia que não a escutara, atento aos demais preocupado com Lúcia e com Augusta. ‘Você é o meu homem!’ (...) Diana cingiu-o pela cintura, as mãos ávidas descendo vagarosamente, ofegando-lhe na nuca, orvalhada pela neblina como ele mesmo, e daí a nada, antes que Eduardo pudesse desvencilhar-se, cravou-lhes as unhas pontiagudas nas virilhas, despendaçando-lhe o pijama e descobrindo-o.”*¹⁷

As deusas constroem o interior da áurea e, é na Anita que compreende-se o mesclar de todas elas numa só alma de mulher. Anita Deméter, a zelosa, a prestimosa e a que sobrevive sozinha sabendo arrumar seu lar e fazer renascer nas suas ações a mulher generosa. *“Não, não era uma artista: era uma dona de casa. Denunciava o leve toque feminino no arranjo das pequenas coisas que marcam a mulher doméstica.”*¹⁸

Ao lado da deusa Deméter surge a Perséfone, o mistério daquele sotão e da sua vida de amores e desencantos faz com que o Eduardo fascinado procure destronar do seu olhar o vem girar ao redor e envolver de sedução escarnecendo de prazer a névoa da Perséfone em Anita.

“Havia nela qualquer coisa que o atemorizava, não profundamente, mas na epiderme, como o receio de aproximar-se de algo irrevelado e improfanável, de algo irrevelado e improfanável, (...) Escada de densas trevas, os desvãos negros

¹⁶ Op. Cit. P.111

¹⁷ Op. Cit. P. 151/175

¹⁸ Op. Cit. P.34

e inúteis, contorcendo-se em voltas desnecessárias, com sugestões de mistério pelos cantos.”¹⁹

Nela também há, uma pitada da Ártemis, a deusa símbolo da liberdade, a contestadora e enfim, a mulher que o traria a felicidade aprisionada no seu eu.

*“Tinha o desgarre duma criatura livre, descompromissada, vivendo uma vida só sua, no seu sótão... Saindo e entrando à vontade, indiferente à bisbilhotice dos vizinhos... Havia nela qualquer coisa que o atemorizava, não profundamente, mas na epiderme, como o receio de aproximar-se de algo irrevelado e improfanável, de alguém...”*²⁰

É neste pensamento dual de feminilidade entre fada e bruxa que o homem se desintegra existindo o momento da entrega do corpo e da alma para aquela mulher.

*“Aí deixou que ele lhe entreabrisse o négligé e lhe beijasse o colo. A mão ansiosa do homem procurou-lhe nas costas o laço do vestuário e desatou. Agora, os olhos habituados à escuridão, afastou-a para vê-la quase nua à sua frente.”*²¹

Da deusa Afrodite a Anita tem em maior potencial o seu interior feminino, na promiscuidade em desfrutar sua sensualidade e seu amor a torna uma amante criativa, sensual e muito desejada, característica própria da deusa Afrodite.

“(…) de Anita, que lhe espessava com sua carne a imagem ardente...

¹⁹ Op. Cit. P.32/3

²⁰ Op. Cit. P. 31/2

²¹ Op. Cit. P. 38

*Emergia do oceano em que ele não a acompanhava e o via com os olhos perdidos em Conchita...”*²²

É em Conchita, a boneca de lousa de Anita que nasce a mulher Afrodite. Ela é o símbolo da sensualidade e mistério de sua dona. Assim, sem sombra de dúvida, é a Afrodite que nasce em Anita para tornar a amante criativa e sagaz na vida do Eduardo.

*“Anita tomava a iniciativa e lhe pilotava a imaginação, chamando-o à realidade do mundo, precipitando-o nos divertimentos, conduzindo-o para os gozos cada vez mais entorpecentes e prolongados. Eduardo se deixava levar, participando a meio do seu entusiasmo (...)”*²³

Possuía a Afrodite dentro de si e mais ainda o poder de possuir os homens para si, a atração pela deusa do amor em Anita era mais forte que seus desejos de pai e esposo que deveria zelar por manter uma “imagem” perante a sociedade. Aqui, ele se perde em desejos do homem nos braços da amante Anita/ Afrodite. “Eduardo então se afastava dela, odiando-se por desejá-la e por submeter-se a todos os seus caprichos, que cada vez mais o algemavam, e se enfiava, pequenino e amedrontado...”²⁴

A Anita, neste modo moderno de viver, na sua forma trágica de pensar, no seu jeito de amar, desejar e ser desejada que a faz ser a personificação de uma mulher completamente desejada e construída pelo pensamento neorastêmico do personagem masculino Eduardo, que neste pensar deixa fluir uma mulher Cíntia, criado por sua mente como a “Vitoriosa” a que desafia o poder do homem, do mundo e dos padrões impostos pela sociedade da época e até mesmo da nossa época hoje. Nascia nele o desejo do encontro por uma Cíntia invólucro em todas as deusas mitológicas que faz fluir a força interior da mulher.

“(...) não conseguia fazer emergir das entranhas de Anita o etéreo

²² Op. Cit. P. 51

²³ Op. Cit. P. 50

²⁴ Op. Cit. P. 56

espectro de Cíntia, que para ele, agora que tinha entre as mãos uma mulher quase Cíntia, fatchava-se na distância inacessível.”²⁵

Ele começa então, a buscar a sua deusa Cíntia em Anita, que logo adiante ao deparar-se com a jovem Diana também reconhece nela a Cíntia e nos seus braços se perde e se entrega loucamente, sem pesos nem medidas.

“... reconhecia Cíntia em cada um dos traços de Diana, em todos os seus gestos, voluntariosa, dominadora até no gozo ,audaz diante dos preconceitos, lutadora e cruel. Trazia-a consigo, dentro de si, antes que ela nascesse para a vida material – e ela se corporifica dentro de um ventre desconhecido à imagem que fazia dela, até chegar o instante em que se lhe revelaria na plenitude da sua perfeição. Cíntia em Diana! Diana em Cíntia.”²⁶

E até mesmo na Lúcia- fria por vezes se toma em pensamentos e busca pela mulher dos seus desejos.

“ – Você não a perderá Lúcia – afirmou ele, tomando a beijar-lhe as mãos frias e inertes. Ah, a sua mulher era diferente de todas as mulheres! Nenhuma outra procederia assim como ela, nenhuma com tanta superioridade!”²⁷

Na mente quase esquizofrênica daquele homem o faz transpor todas aquelas mulheres e aquelas deusas a uma só. A “Só Vitoriosa”, e é na imagem da estátua Conchita que ele finalmente, apega-se no seu desespero da buscar por uma mulher ideal. E, na tentativa de destruir sua obsessão por uma mulher sem perceber as deusas que regem sua feminilidade, acaba por destruir

²⁵ Op. Cit. P. 45

²⁶ Op. Cit. P. 201

²⁷ Op. Cit. P. 262

a imagem da Conchita, como se a ela estivesse a sua tábua de salvação na desconstrução dessas imagens femininas e o poder das deusas nas mulheres que o rodeia.

“A bonequinha se fragmentou, uma perninha inteira aqui, outra quebrada acolá, o saiote de cassa e o rostinho pálido sumidos sob a cinza, os braços ainda atirados para o alto, mas comicamente separados do todo que lhe dava impulsão e vida.”...Conchita morrera, com ela morrera o fantasma de Anita... Mas era como se renascesse.” ²⁸

Finalmente, as mulheres que circulam seu mundo são destituídas e em especial a Anita que lhe fizerá ver e deixar sentir o poder de cada deusa que há na mulher. Porém, jamais conseguirá negar a existência inquietante que há das deusas nos seus atos: domésticos, livres, invuneráveis, participante, religiosos, estrategistas, sensuais e amantes de cada ser feminino do poder da mulher.

²⁸ op. Cit. P. 299/301

III. A Presença na Ausência de Anita

A presença de Anita é revelada até mesmo na sua ausência, a capacidade de transpor o plano real e encaixar-se no mundo ideal é problematização questionadora desta obra de Mário Donato.

A morte não chega a significar um distanciamento na obra, a não ser o afastamento físico. Afinal, ela é presença indiscutível no psíquico do personagem central. A Anita é responsável pelo ressurgimento de desejos anteriormente mascarados pelo Eduardo, que vive uma certa psicose neste entrelaçar da imagem feminina. O imaginário estabelece uma relação perfeita entre o plano real e o imaginário do homem.

“O rosto, ainda indeciso, se formou de frente para ele. A boca sensual rasgada e entreaberta. Um breve nariz enérgico. Os olhos dissimulados(...) e um ligeiro toque, como fazem as mulheres diante do espelho, deu-lhes vida”²⁹

É no rabiscar de papéis, no revirar dos sentidos e sentimentos mais profundos que o personagem Eduardo cria a imagem de uma mulher forte, guerreira e confiante. Longe de todas as outras mulheres que circulava seu ambiente familiar. O ato criador/criação/criatura novamente é emergido no que diz respeito a mulher e seu poder.

Buscando nas mulheres essa imagem idealizada é que a Anita ainda ausente, de sua vida, era presença nos desejos mais profundos deste homem. E neste desejo de encontrar, conhecer e possuir, é que Eduardo inspirado nos rabiscos de uma mulher, cria a imagem futurista da mulher pós-moderna e obviamente dá vida a esta mulher no seu inconsciente. Nesta imagem feminina está todos os desejos da alma que encontra-se no interior do ser masculino.

A presença da mulher sem sombra de dúvida é reprimida a todos os tipos de questões que permeiam a sociedade tanto daquela época, as primeiras décadas do século XX, como em algumas mentes ainda restritas ao pensamento medieval machista circula nossa sociedade do século XXI.

²⁹ Op. Cit. P. 24

E, neste contexto verifica-se o poder da presença dessa mulher. O poder que possuía e o poder que lhe fôra determinado, doado, criado, imaginado e desejado por um homem que procurava na sua capacidade de ver, ou até mesmo, no seu espelhamento uma mulher capaz de integrar-se na sociedade e fazer-se ouvir e agir conforme seus preceitos e sua vontades.

Até este ponto é forte a presença do poder discursivo do homem sobre a mulher desejada. Mas, ao encontrá-la, ao depara-se com esta mulher nas mulheres que o rodeia, como reage este homem? Este questionamento é o ponto crucial da obra, afinal Anita é a presença mais marcante desse desejo desenfreado. O homem agora irá se perder diante dos seus próprios anseios oníricos, ela será a responsável pelo despontar da mulher destemida e determinada na vida deste homem. Meio mulher, meio menina que, na inocência da criança e no sensualismo da mulher embriaga o macho e articula, nos seus ideais, o poder de possui-lo para junto de si.

“... permanecia descalças com ela nos pés, e era uma menininha pecadora(...). E se ele a descalçava e sofregamente lhe corria as mãos pelas pernas e lhe descobria as coxas ardentes (...) apenas aguardava o instante em que a amante a deitaria sobre o leito...”³⁰

Anita, palavra diminutiva de Ana que significa em hebraico a cheia de graça. Assim é a Anita, a pequenina que tem o Dom sobrenatural de encantar, seduzir e envolver. A graça de Anita faz-se presente no seu universo misterioso, e no saber ser dona de sua própria identidade diante da sua perspectiva de ser mulher. O descentramento existente nesta relação de Anita com o significado mais profundo da origem do seu nome se equipara a ampliação de sua presença de modo subjetivo e cheia de benevolência no universo masculino do personagem da obra.

Convém salientar portanto, que a presença não deixa de ser apenas um fator biológico, próprio do surgir, nascer como vir a ser o corpo feminino. Porém, é conveniente perceber a importância do fator cultural e social que faz a mulher destaque e graça na presença da força interior da mulher. Finalmente vê-se que é na ausência que Anita vive, revira o inconsciente do

³⁰ Op. Cit. P. 46.

homem e o faz sentir-se como presença em sua vida. Assim, é na ausência que ela torna-se mulher.

IV. Anita: Imagem de Mulher e Mito

A obra de Mário Donato, *Presença de Anita*, lançado no mercado em plena Segunda Grande Guerra Mundial foi uma literatura escandalizada para a época, por trazer o erotismo e a sensualidade de corpos femininos e masculinos tão à mostra no universo literário. Desta maneira, atualmente pode-se compreender que o autor traz com sua criação o pensamento pós-moderno relacionado a respeito da força feminina em seus diversos aspectos de conquista e luta diante dos objetivos almejados e fortes na criação de busca de prazer e reconhecimento de identidade como mulher. Todas as mulheres que surgem na obra de Mário Donato e que já foram citadas até aqui, são delineadas num poder imagístico e criador do homem que busca a mulher desejada e parti a sua procura em cada mulher que faz parte do seu universo.

“Seis meses antes, o lápis ocioso, brincando sobre o papel quadriculado que a prancha mantinha estendido, ele traçara um dorso de mulher, um “S” suavemente esquivo(...)”³¹

É exatamente nesta imagem, de mulher ideal desenhada pela mente do homem, que descobre-se cada deusa mitológica que rege a áurea feminina. No nosso mundo moderno não é difícil encontrar mulheres que ainda se submetem a um mundo de subordinação do eu masculino. E, nos seus próprios conflitos revelam-se incapazes de lutar e acham insuficiente sua força perante mudanças. No entanto, já vimos em outras faces femininas a luta, a conquista e vitória final da batalha. Nestas estão as guerreiras do amor (Afrodite), da sabedoria (Atenas), da liderança em grupo (Hera) e até mesmo no seu lar muitas conseguem definir-se (Deméter), mostrando que tudo isso é suficiente para que a mulher preencha seu espaço na sociedade e no mundo.

“No espaço público, importante que a mulher possa galgar cada vez

³¹ Op. Cit. P. 23

mais cargos com poder de decisão, para construir uma identidade de independência, a partir dos valores femininos. Somente assim poder-se-á dizer que a mulher se constrói cidadã, que se respeita e que se faz respeitar.”³²

Na obra, vê-se a imagem dessas deusas encravadas em cada personagem feminino e quando delineamos o caráter e a personalidade da cada uma vasculhamos um universo místico da persona feminina diante das deusas. Ora, se situamos a Anita como personagem central não iremos imaginá-la uma Afrodite apenas pelo seu andar sedutor ou por seu gesto provocante de envolver o homem, vemos nela muito mais que a sedução. Vê-se também, a sabedoria em lidar com esta sedução, afinal seduzir é uma arte que muitos possuem mas, poucos sabem utilizá-los com sucesso e sabedoria.

“Trata-se, pois, antes de mais nada, de uma questão de método. Assim, sem discriminar devidamente quais são as linhas e agulhas utilizadas para empreender a costura do sexual, seria impossível desvendar a tessitura desta composição complexa.”³³

A personagem Anita, centro de atenção do romance de Donato, traz no seu traço, marcadamente feminino, a marca das deusas mitológicas. Própria de cada mulher que circula nossa sociedade nos dias de hoje.

*“(…) toda mulher possui uma ou duas deusas dominantes na sua constituição. É improvável que chegue a trocar inteiramente de deusa num ponto de transição da sua vida; pelo contrário, toda nova fase a deixa aberta para novas energias e novas perspectivas”.*³⁴

³² STREY, Maria Neves at alli. P. 37

³³ BIRMAN, Joel. 1999. P.18

³⁴ WOOLGER. Jennifer Barker & Roger. 1998.p.261

Não é a toa que presentifica-se a sensualidade e o poder de sexualidade na Anita. A ela estamos diante da deusa Afrodite. *“Emergia do oceano em que ele não a acompanhava e o via com os olhos perdidos(...)”*³⁵

Nota-se o espírito Afrodite emergir nos atos da mulher fatal que concebe a Anita nos seus momentos de prazer, envolvimento e sedução carnal. Porém, em contraste entre a alma Afrodite na Anita em determinados momentos surgiram outras deusas: No seu silêncio interior, no seu lar (mesmo que misterioso ou sombrio) vem a Deméter na arrumação do seu cantinho doméstico. *“O extraordinário é que, quando a via ocupada no arranjo da casa ou esquecida no sono, ela lhe parecia pura, nada sensual(...)”*³⁶ Com menos intensidade ainda, porém, também ressurgiu esta deusa da áurea feminina de Anita, refiro-me a Ártemis que busca a liberdade acima de qualquer obstáculo que venha interferir nesta sua alma liberta. *“(...) tinha o desgarre de uma criatura livre, descompromissada, vivendo uma vida só sua, no seu sótão(...)”*³⁷

E enfim, no seu misterioso mundo e nos seus relances de mulher fada e bruxa manifesta-se a deusa Perséfone, mulher distante do mundo e de todos. Mas, dona do seu próprio inconsciente da magia da sedução e da sexualidade. *“Havia nela qualquer coisa que o atemorizava, não profundamente, mas na epiderme, como o receio de aproximar-se de algo irrevelado e improfanável(...)”*³⁸

A idéia do feminino e as deusas que implica nesta obra é basicamente uma arte de criar um universo da feminilidade resgatada pela literatura pós-moderna da nossa atualidade. Afinal, a mulher não é mais uno e sim pluridimensional nesta sociedade pulsional de transformações. Busca-se portanto, nesta obra que explode em pleno conflito, mostrar a mulher que nasceu da submissão, mas não permanecerá estanque. Ela levanta no seu ser a determinação de revelar-se mulher na sua erotização e intelectualidade.

“Diante da submissão quase eterna da figura da mulher à do

³⁵ DONATO, Mário. 2000. P.51

³⁶ Op. Cit. P. 53

³⁷ Op. Cit. P. 31

³⁸ Op. Cit. P. 32

³⁸ BIRMAN, Joel. Op. Cit. P. 196

homem, que se naturalizou a tal ponto que se perdeu a memória a a tal ponto que se perdeu a memória de seus começos, foi necessária uma longa marcha(...) Essa longa marcha se identifica, pois, com a luta das mulheres pelos seus direitos e com o movimento feminista(...)"³⁹

Sendo assim, é pela capacidade de integrar corpo e mente (Afrodite e Atenas) que a mulher se revela totalizante numa sociedade discriminadora e indiferente ao universo feminino como fonte de transformação e poder.

³⁹ BIRMAN. Joel. Op. Cit. P. 196

Considerações Finais

Mulher, na sua infinitude apresenta-se como uma mitológica no universo literário de Mário Donato. As imagens sobre o feminino vai além da sua identidade sexual. A personificação do reprimido e do proibido pela cultura social subentende-se na imagem significativa da mulher. Assim, entre a ausência das mulheres na história, descobre-se a sua presença exuberante na literatura.

Desta maneira, *Presença de Anita*, é uma obra que procura decompor as diversas facetas do feminino para que venha criar uma mulher autônoma, ou melhor, uma mulher que define-se como as deusas. Afina, elas na sua autonomia do saber e no envolvimento do desejo deixa fluir as Atenas, Afrodites, Deméteres, Perséfontes e Dianás. É através da recepção dessas na sua área que a mulher, procura desconstruir-se e, nos múltiplos conceitos se relacionam indissolúvelmente com o todo.

A obra *Presença de Anita*, veio levantar questionamentos sobre o poder da feminilidade. As mulheres que circulam sua obra são revelações amostra de todas as mulheres que vivem em universos diferentes. Têm-se o lado feminino que se relaciona com a vida cotidiana: marido e filhos. Vivendo o lado limitado do ser e da sociedade conservadora, como sua esposa e a sua filha que está sendo criado para tal comportamento de mulher obediente as normas tradicional e de uma família patriarcal. Em confronto a este ideal, implantado por esta sociedade, de mulher aparece uma imagem feminina, desejada por uma homem, que afronta a sociedade patriarcal e deixa a máscara cair fazendo ver a mulher possuidora de desejos. Aquela que luta, persegue e embriaga-se no seu querer, desejar e possuir.

Anita e Diana surgem na mente humana masculina como a Cíntia. Esta mulher, fruto do seu inconsciente palpitante, é aquela que confronta e procura libertar sua identidade daquela identidade moldada pela sociedade e entregue a mulher, como uma receita pronta de vida. A máscara tradicional é rompida e ela demonstra sua insatisfação no seu modo de agir, no seu comportamento sem limites, sem medo do social. A mulher assim, é vista e descrita na obra ,

como seres que, como as deusas projetam seu próprios lugares, seus movimentos, sua vida e até mesmo seu próprio modo de vingar-se perante as injustiças feita a elas.

Finalmente, conclui-se que o imaginativo do homem, protagonista da obra, permite projetar a mulher do nosso milênio de uma maneira interativa e integrante a vida pública. Essas imagens transforma padrões e normas sociais e culturais, anteriormente condicionadas a elas por nascer mulher, e paralelamente criam base concreta na heterogeneidade da mulher. Mulher, mostra-se capaz de dizer, compreender seu próprio discurso, enfim a mulher imagem de desejo, do querer e do saber-fazer. Mulher deusa, hoje é aquela que circula nossa sociedade e toma consciência do seu eu e do seu universo feminino.

Referências Bibliográficas

- BEAUVIOR, Simone de. **O Segundo Sexo**; tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro; Nova Fronteira; 8 ed. 1996.
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do Feminino**. São Paulo; Ed. 34, 1994
- BRUNEZ, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro; 2.ed: José Olímpio, 1998.
- CASTRO, Eliana de Moura. **Psicanálise e Linguagem**. São Paulo: ed. 2; Ed. Princípios, 1992.
- DEVEREUX, George. **Mulher e Mito**; tradução Beatriz Sidon. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.
- DONATO, Mário. **Presença de Anita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo: Nietzsche, Freud e Marx – Teatrum Philosophicum**. São Paulo: Ed. Landy, 2000.
- GOTLIB, Nádya Batela. **A Mulher na Literatura**. Vol III. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- HALL. Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LEÓN, Vicki. **As Mulheres Audaciosas da Antiguidade**; tradução de Miriam Groeger. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. Tradução Roberto L. ferreira. São Paulo: Fund. Ed. Da UNESP, 1998.
- REIS, Livia de Freitas, att alli. **Mulher e Literatura** – VII Seminário Nacional: Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.
- SALOMÉ, Lou Andreas. **O Erotismo Seguidos de Reflexões sobre o Problema do Amor**. Tradução de Antônio Daniel A, de Abreu: São Paulo. Ed. Princípios, 1991.
- SANT'ANNA, Afonso Romano. **O Canibalismo Amoroso**: São Paulo, Ed. Círculo do Livro. 1990.

SICUTERI, Roberto. **Lilith; A Lua Negra.** Tradução Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo . Rio De janeiro: Paz e Terra, 1985

STREY, Marlene Neves att alli. **Mulher Estudos de Gênero.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e Diversidade do Sujeito Democrático.** São Paulo: Ed. EDUSC, 1998. P.69

WOOLGER. Jennifer Barker & WOOLGER, Roger Jennifer. **A Deusa Interior: Um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1995.